



A revoada dos Guarás como atrativo turístico: estudo de caso no litoral do Brasil

The flocking of Guaras as a tourist attraction: a case study on the coast of Brazil

Tatiana Colasante, Carolina Vanessa Santos da Silva,
Carlos Antonio Lima de Jesus, Alini Nunes de Oliveira

RESUMO: O Brasil é um dos países com maior diversidade de aves no mundo. Com isso, torna-se evidente o seu potencial para o turismo de observação de aves, embora ainda seja uma atividade pouco explorada. A fim de identificar de que forma esse tipo de turismo tem sido organizado no país, realizou-se um estudo de caso utilizando como recorte espacial os litorais nordeste e sul do país, regiões que tem como atrativo turístico a revoada dos guarás, pássaro que tem como característica principal a coloração avermelhada em suas penas e que já esteve em vias de extinção. O trabalho apresenta uma análise sobre a observação de aves como atrativo turístico e que pode ser utilizado como ferramenta de interpretação e proteção do patrimônio ambiental. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, no qual os procedimentos metodológicos envolveram a pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com representantes de quatro agências de viagens nos estados do Maranhão e Piauí (Delta do Paraíba) e Paraná (Baías de Guaratuba e Guaraqueçaba). Como resultado, aponta-se que o turismo de observação de aves no Brasil nas regiões estudadas encontra-se de forma descompassada em sua organização, uma vez que no nordeste, os passeios analisados mostraram-se mais comerciais, onde os guarás acabam se tornando um atrativo secundário diante dos roteiros comercializados, enquanto no sul, em função de uma estruturação do turismo de base comunitária, notou-se uma preocupação maior em ofertar um turismo de pequena escala e mais voltado à interpretação ambiental. Em função de ser uma ave que vem retornando aos seus habitats originais após um longo período de desaparecimento em decorrência de ações antrópicas, os guarás têm uma importância relevante na biodiversidade. Com o estudo, espera-se que haja um repensar nas formas de conduzir os passeios para que o turismo de observação de aves não se projete no vazio, mas que seja permeado de valores que possam contribuir para que o turista se sensibilize para a proteção ambiental.

PALAVRAS CHAVE: Turismo de Observação de Aves; Ecoturismo; Delta do Paraíba; Baía de Guaratuba; Baía de Guaraqueçaba.

ABSTRACT: Brazil is one of the countries with the greatest diversity of birds in the world. Thus, its potential for bird watching tourism is evident, although it is a barely explored activity. To identify how this type of tourism has been organized in the country, a case study was carried out using as spatial cutout in the northeastern and southern coasts of the country, regions that have as a tourist attraction the flocking of the Guaras, a bird whose main characteristic is the reddish coloring of its feathers, and which was once on the ways of extinction. The paper presents an analysis of bird watching as a tourist attraction that can be used as a tool for interpretation and protection of the environmental patrimony. This is qualitative research, in which the methodological procedures involved bibliographic research and semi-structured interviews with representatives of four travel agencies in the states of Maranhão and Piauí (Paraíba Delta) and Paraná (Guaratuba and Guaraqueçaba Bays). As a result, it is indicated that birdwatching tourism in Brazil in the regions studied is not organized in the same way, since in the northeast, the analyzed tours were more commercial, where the Guaras end up becoming a secondary attraction in the commercialized tours, while in the south, due to the structuring of community-based tourism, a greater concern was noted in offering a small-scale tourism and more focused on environmental interpretation. As a bird that has been returning to its original habitats after a long period of disappearance due to anthropic actions, the Guará has a relevant importance in biodiversity. With this study, it is expected that there will be a rethinking in the ways of conducting tours so that birdwatching tours are not only about visual contemplation, but that they are permeated with values that can contribute to make the tourist aware of environmental protection.

KEYWORDS: Birdwatching Tourism; Ecotourism; Paraíba Delta; Guaratuba Bay; Guaraqueçaba Bay

Introdução

A atividade turística pode contribuir para estimular o desenvolvimento socioeconômico das localidades. No entanto, destaca-se que muito além da questão econômica, o turismo pode se constituir em uma importante ferramenta de cidadania, sobretudo, a partir de segmentos que estimulam o contato homem-natureza, como é o caso do ecoturismo, que surge a partir de uma tendência de se buscar um modelo de turismo mais responsável. Com isso, a fruição das paisagens naturais tende a direcionar o turista para um olhar mais consciente sobre a sua responsabilidade com a biodiversidade.

Os princípios e os critérios para o desenvolvimento deste segmento turístico devem considerar a gestão socioambiental dos recursos naturais para minimizar os impactos, especialmente em áreas de ecossistema frágeis, como os manguezais. Do ponto de vista legal, muitas dessas áreas se constituem em Unidades de Conservação (UCs) com o objetivo de garantir o seu uso sustentável.

No caso do Brasil, a busca por ações que possam dirimir os efeitos antrópicos sobre o ambiente se justifica pela existência de dezenas de biomas que sofrem com a iminência da extinção de espécies da fauna e flora. Além das medidas legais, torna-se imperativo aliar preceitos educativos na sociedade de modo a contribuir para a formação de agentes multiplicadores e sensibilizados de valores socioambientais.

Embora a discussão sobre a problemática ambiental seja obrigatória no ensino básico, é importante levar esse debate além do ambiente formal de ensino e propagar para outras esferas da sociedade. Nessa perspectiva, o planejamento do ecoturismo com vistas à proteção do patrimônio natural é essencial para que o turista não tenha um contato superficial com as localidades visitadas. É necessário articular o trade turístico e investir em capacitação de guias e condutores de turismo para que a experiência possa ser formativa e, com isso, engajar as pessoas nas discussões em prol do meio ambiente.

Dentre as múltiplas possibilidades que podem ser ofertadas no ecoturismo, o turismo de observação de aves (*birdwatching*) ainda é uma atividade com pouca visibilidade no Brasil, mas que apresenta um enorme potencial, tanto pela grande quantidade de exemplares endêmicos no país quanto pela dinâmica da atividade turística a partir da pandemia de coronavírus que trouxe a necessidade de buscar viagens que propiciem experiências ao ar livre. Por trazer uma vivência direta com a natureza, o turismo de observação de aves torna-se um aliado para a interpretação ambiental. No entanto, para que isso aconteça, é necessário compreender de que forma esse tipo de turismo tem sido desenvolvido junto aos visitantes.

Diante dessa discussão, o estudo propõe uma análise sobre a revoada dos guarás, fenômeno no qual as aves dessa espécie se agrupam no final da tarde, geralmente, em ilhas, para dormir. Destaca-se que dois passeios turísticos mais conhecidos que privilegiam essa atividade acontecem no Delta do Parnaíba, localizado entre os estados do Piauí e Maranhão e nas Baía de Guaratuba e Guaraqueçaba, litoral do Paraná.

Essas aves vivem em bandos e habitam manguezais e áreas pantanosas, ou seja, em ecossistemas frágeis, o que denota uma relevância ainda maior quando se pensa na exploração do turismo nas áreas por elas habitadas. Inclusive, em alguns estados, os guarás desapareceram por longos períodos, preocupando especialistas e só mais recentemente retornaram. Esse cenário é propício para que sejam desenvolvidas ações educativas de sensibilização à conservação do patrimônio natural.

No intuito de verificar de que forma os passeios turísticos que envolvem a revoada dos guarás são planejados e conduzidos no Sul e Nordeste, foram entrevistados representantes de agências de turismo que ofertam esse *tour* no Piauí, Maranhão e Paraná. Do ponto de vista teórico, o artigo encontra-se dividido em seções. A primeira discute os preceitos do ecoturismo, pontuando sua importância com relação à conservação ambiental; a segunda dá destaque aos guarás e sua dinâmica enquanto importante elemento da biodiversidade brasileira; a terceira destaca o

turismo de observação de aves, abordando suas relações e impactos; a quarta seção discorre sobre o recorte espacial do estudo, apresentando dados socioambientais do Delta do Parnaíba e das Baías de Guaratuba e Guaraqueçaba; a quinta seção apresenta os procedimentos metodológicos e, por fim, são elencados os resultados obtidos com a pesquisa.

O Ecoturismo e sua relação com o patrimônio natural

O turismo em áreas naturais vem despontando no cenário contemporâneo como fenômeno social que possibilita o intercâmbio de experiências entre visitantes e autóctones, além de contribuir para potencializar as economias e proteger o patrimônio natural das comunidades. Mesmo diante do cenário pandêmico desde o ano de 2020, o turismo vem retornando de forma gradual suas atividades e o contato com a natureza tem se tornado uma possibilidade viável nesse processo, uma vez que transmite mais segurança aos turistas justamente pela possibilidade de minimizar o contato social em virtude de ser realizado em áreas ao ar livre. Outras vantagens de se valorizar esse tipo de turismo no período da pandemia referem-se à melhoria da saúde mental a partir do contato com a natureza, estimulando o bem-estar e, ao mesmo tempo, promovendo a conscientização sobre a conservação da biodiversidade e recursos naturais, como pontuam Menegasso *et al.* (2021).

Diante das múltiplas possibilidades de desenvolvimento do turismo, não se pode concebê-lo apenas como uma atividade de lazer ou descanso, mas uma experiência que oportuniza formas diversas de ligação entre homem e ambiente, pois, a viagem propicia o contato com diferentes paisagens, lugares e pessoas. Do ponto de vista tipológico, existem diversos segmentos do turismo que se conectam diretamente à experiência com as áreas naturais como o ecoturismo e o turismo de aventura. Nesses tipos de turismo, o foco central da visita é conhecer o meio ambiente e suas relações com a sociedade.

Conceitualmente, o *“Ecoturismo pode ser entendido como as atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza e as comunidades receptoras, comprometidas com a conservação, a educação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico”* (BRASIL, 2010, p. 19). O surgimento desse tipo de turismo pode ser compreendido a partir da necessidade de se repensar as práticas da atividade do turismo enquanto potencializadora de impactos negativos em áreas naturais.

A década de 1960 foi marcada pela eclosão do turismo de massa, quando se registraram e foram reconhecidos os impactos negativos da atividade turística, levando à desmistificação da idéia de “indústria sem chaminés”. Já no início dos anos 1970, começaram as discussões sobre “gestão de turistas”, consolidando o entendimento do turismo como atividade econômica potencialmente poluidora, a depender da maneira como ocorre. Nesse contexto, a temática passou a ser insistentemente debatida

pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada em 1983 no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), de onde surgiu o termo Turismo Verde, que na década de 90 se amplia para a noção de Turismo Sustentável (BRASIL, 2010, p. 19).

O Ecoturismo, assim, revela-se como uma prática próxima do conceito de sustentabilidade, a fim de possibilitar a valorização, conservação e preservação do meio ambiente, evitando impactos que possam contribuir para a degradação ambiental. De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010), o desenvolvimento sustentável do turismo é possível mediante a interdependência e a busca de um equilíbrio harmônico entre três dimensões, a saber: a economia, a fim de garantir que os benefícios se estendam a todos os agentes envolvidos e a comunidade receptora não comprometendo as gerações futuras; a dimensão social e cultural, que estabelece a redução das desigualdades sociais e a manutenção dos valores culturais; e ainda, a dimensão ambiental, que deve garantir que o desenvolvimento ocorra em consonância com a preservação dos recursos naturais.

Molina (2001) acrescenta que deve haver integração das comunidades locais com o desenvolvimento da atividade turística em áreas naturais, objetivando consolidar a sustentabilidade do Ecoturismo em uma determinada região, em longo prazo. Essa condição é explicada por esse autor ao colocar que as comunidades locais devem atribuir um valor econômico ao Ecoturismo, para evitar depredação e degradação das áreas naturais com potencial para o turismo. No bojo do planejamento e gestão das atividades, é necessária ainda a elaboração de estudos para identificação da capacidade de suporte de cada um dos pontos turísticos, evitando sua depredação, ao mesmo tempo em que se busca ampliar o crescimento econômico, acompanhado da minimização dos impactos ambientais negativos.

Conforme Passold e Kinker (2010), a visitação pública possibilita o desenvolvimento do turismo local, regional e até nacional, mas deve envolver a participação das comunidades locais, uma vez que estas são impactadas direta ou indiretamente dependendo do tipo de turismo que é ofertado. Com um processo participativo, é possível que haja uma integração maior com os turistas e, com isso, propiciar experiências com vistas ao diálogo e respeito. Soma-se a isso, a necessidade de a atividade turística ser estruturada de forma a estimular a conscientização ambiental, a partir da visitação sustentável em áreas de interesse turístico, como dispõe a Política Nacional de Turismo, Lei 11771/2008 (BRASIL, 2008).

Embora hoje seja evidente a necessidade de se debater as questões ambientais, no início do século XX, Swarbrooke (2002) já chamava a atenção para o interesse real do turista quando busca o segmento do Ecoturismo. O autor tece uma crítica sobre a maneira superficial com que os visitantes se envolvem com os problemas ambientais quando estão viajando. Em uma época altamente tecnológica em que muitas sociedades se

encontram, muitas pessoas têm abdicado de realizar atividades ao ar livre. Outras acabam utilizando a tecnologia para ganhar visibilidade. Nesse caso, muitos turistas que se dizem “ecoturistas”, buscam somente ganhar mais popularidade com o estilo de vida sustentável, ao invés de conhecer e praticar a sustentabilidade. Por isso, a oferta do Ecoturismo deve ser pensada de forma a convergir com valores que possam ser, de fato, relevantes e aplicados para a realidade do turista. Trazer reflexões sobre a biodiversidade e relacionar a temática com o cotidiano dos turistas pode ser um meio de se conseguir êxito nessa experiência com o meio ambiente.

Nesse sentido, é necessário exercer um olhar sistêmico sobre as relações homem-meio, compreendendo os elementos naturais como parte do patrimônio dos diferentes grupos sociais. Com isso, agregam-se à discussão os referenciais identitários que permitem a coesão social e, concomitantemente, despertam o sentimento de pertencimento aos lugares. Nesse ponto, destaca-se o patrimônio natural como um elo entre sociedade-natureza uma vez que instiga aspectos inerentes ao conservacionismo/preservacionismo e situa o homem como agente responsável por esse processo.

Durante a “Convenção sobre a proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural” organizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (ONU) em Paris, em 1972, estabeleceu-se que o patrimônio cultural engloba, principalmente, os elementos da cultura material como monumentos, obras arquitetônicas, obras de arte e sítios arqueológicos. Já o patrimônio natural envolve monumentos naturais, formações geológicas e fisiográficas, sítios naturais ou áreas naturais (ONU, 1972). Para Zanirato (2011), a designação de patrimônio natural no Brasil foi norteadada por três critérios: estético, ecológico e científico. O critério estético se refere às paisagens com belezas naturais e singulares. O valor ecológico está ligado à conservação da biodiversidade e, por fim, o valor científico envolve áreas naturais com aspectos relevantes de estudos e pesquisas. Para a autora, existe uma relação intrínseca do patrimônio natural com as práticas sociais, pois, o reconhecimento de que as áreas naturais são passíveis de ser resguardadas passa também por um reconhecimento dos aspectos legais da natureza, a partir de lutas e movimentos sociais. Com isso, os aspectos naturais se projetam para uma dimensão da memória coletiva, na qual existe um vínculo com os diferentes lugares e os elementos que os circundam, na qual as relações com a natureza se processam em uma perspectiva sistêmica.

O guará: símbolo de resistência na biodiversidade brasileira

Do ponto de vista científico, o guará é denominado como *Eudocimus ruber* e foi uma das primeiras espécies a despertar a atenção dos cronistas e viajantes que vieram para o Brasil pouco tempo após o início da colonização europeia como o Duque Karl von Croy, Hans Staden e Fernão Cardim. Há indícios de que a primeira alusão ao nome da ave deve-se à Staden, apresentando-a como *uwara pirange* de origem tupinambá. O viajante, inclusive, provavelmente foi o primeiro a utilizar o adjetivo vermelho para

caracterizar a espécie e devido à coloração de suas penas, a ave era muito cobiçada para ornamentos (STRAUBE, 1999). O guará tem como habitat as regiões litorâneas e pode ser encontrado no Brasil, Colômbia, Venezuela, Trinidad, Suriname e Equador. No país, a espécie está distribuída entre as regiões Sul, Sudeste, Norte e Nordeste, em áreas de manguezais (Figura 1).



Figura 1: Distribuição espacial dos guarás no Brasil

Figure 1: Spatial distribution of Guaras in Brazil

Fonte: Wikiaves (2022)

Source: Wikiaves (2022)

Na década de 1970, a população de guarás sofreu um forte declínio em alguns estados do Sul e Sudeste do Brasil principalmente, devido à destruição dos mangues, à caça predatória e a coleta de ovos. Para se ter uma ideia, em Santa Catarina a espécie não era observada há mais de um século. Foi somente a partir da década de 1990 que algumas aves passaram a ser observadas com maior frequência nessas regiões, inclusive com a presença de ninhos e filhotes, o que indicou que estariam retornando a habitar esses estados. A plumagem do corpo é de coloração vermelha, tanto a cabeça, o pescoço e as pernas, com exceção da ponta das asas, os olhos e o bico (Figura 2). Essa pigmentação decorre de uma substância presente nos crustáceos, que são sua principal fonte de alimentação. Os filhotes nascem com uma coloração mais escura e vão alterando a cor da plumagem dos pais à medida que se desenvolvem. Quando adultos, podem medir entre 55 a 60 centímetros de comprimento e pesar entre 700 e 900 gramas. As fêmeas normalmente põem dois a três ovos de coloração marrom claro e pintas amarronzadas. Os machos são maiores do que as fêmeas e possuem o bico mais comprido, que serve para buscar alimento em lugares lamacentos, como os mangues. As aves vivem em bando e é comum observar os guarás juntamente com outras espécies como as garças. Costumam voar diariamente para buscar alimentos e retornam às áreas de nidificação, segundo dados de Vigário (2014) e Grose (2016).



Figura 2: Guarás descansando nos galhos de uma árvore na Baía de Guaratuba

Figure 2: Guaras reposing on the branches of a tree in Guaratuba Bay

Fonte: Edgar Fernandez, Instituto Guaju (2022)

Spurce: Edgar Fernandez, Instituto Guaju (2022)

No Brasil, existem diversos trabalhos que buscam aliar a importância da preservação do guará para a biodiversidade. Vale destacar que esse despertar para a importância da ave se deve ao processo de desaparecimento da espécie em várias localidades que alertaram para o risco de extinção. Destacam-se os trabalhos do Instituto Guaju, organização não governamental do Paraná que tem como foco a educação ambiental da cultura caiçara, mas que desenvolve também o Projeto Guará. No estado, a ave não era vista desde a década de 1980, voltando a ser observada apenas em 2007. Esse interstício serviu de alerta para especialistas que passaram a monitorar as aves e organizar estratégias de educação ambiental que pudessem atingir, principalmente, a população da Baía de Guaratuba, no litoral paranaense, que mesmo tendo o nome originado da ave, ainda assim não tem um sentimento de identidade com a ave, como explicam Porto (2020) e Rampelotti (2020).

No Rio de Janeiro, os guarás são dados como extintos desde a década de 1950. Anteriormente eram avistados na Baía de Guanabara e hoje é alvo de reintrodução da espécie com o projeto “Volta guará”, do Instituto Estadual do Ambiente (Inea) que pretende trazer aves de outras regiões para introduzir na região de Guaratiba-RJ que abriga a maior região de mangue do estado. Nessa proposta, os animais viriam de um parque de Belém-PA e passariam por um processo de estudos e readequação ao novo habitat para posteriormente serem soltos na natureza. Com isso, pretende-se que a espécie volte a habitar o Rio de Janeiro e, com isso, assegurar sua sobrevivência e permanência em locais onde costumava ser encontrado (ROCHA, 2019).

Até mesmo em regiões que eram consideradas altamente poluídas, como Cubatão-SP, os guarás têm sido observados depois de um longo período de ausência. Trata-se de uma região cercada pela Serra do Mar,

onde se encontra predominantemente a Mata Atlântica, atualmente com pouco mais de 10% da sua vegetação original, segundo a Fundação SOS Mata Atlântica (2021). Como explicam Diniz (2004) e Costa (2017), até a década de 1980, Cubatão era considerada a cidade mais poluída do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU), ganhando o apelido de “Vale da Morte”, uma vez que comportava o primeiro polo de indústrias pesadas no país. Nesse período, toneladas de poluentes eram lançadas ao ar diariamente e outra quantidade incalculável era despejada em rios e mangues. No entanto, a partir de 1990, a região começou a investir em ações que minimizassem os impactos no meio ambiente e a adotar medidas de controle da poluição com o Projeto Cubatão, parceria entre a prefeitura, as indústrias e a Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Industrial).

Como parte das ações em prol do meio ambiente, foi possível constatar a volta dos guarás no antes chamado “Vale da Morte”. A recuperação de mangues e a conseqüente oferta de crustáceos foi um dos fatores determinantes para esse processo, embora alguns estudiosos afirmem que essa retomada tenha sido anterior às ações empresariais. Atualmente, diversos projetos ambientais têm mantido Cubatão fora dos recordes mundiais de poluição. Mesmo que em vários pontos, não se possa falar em recuperação total, há que se destacar como efeitos positivos que uma nova forma de gestão ambiental tem colocado prioridades em relação à biodiversidade. Hoje, as empresas da região, inclusive, têm no guará o símbolo da recuperação ambiental, conforme Diniz (2004). Logicamente, deve-se ver com ressalva essas iniciativas, uma vez que muitas empresas acabam se valendo desse marketing verde para passar imagem positiva quando na verdade, não estão fazendo mais do que cumprir a legislação ambiental, como pontua Swarbrooke (2002).

Com a perspectiva do retorno do guará a diversas localidades do país, verifica-se que há uma preocupação latente com relação à conservação da biodiversidade. Nesse viés, o turismo pode auxiliar a disseminar valores inerentes a esse processo, uma vez que a atividade possibilita o contato com os elementos naturais em diversos aspectos a partir de oferta de passeios ao ar livre que permitem a observação dos hábitos dessas aves.

O turismo de observação de aves: possibilidades de valorização do patrimônio natural

Segundo o Instituto Chico Mendes (BRASIL, 2022), no mundo existem 10.426 espécies de aves, sendo que 1.919 espécies são encontradas no Brasil. Isso coloca o país entre os três detentores da maior biodiversidade de aves no âmbito mundial. Do ponto de vista do turismo, a atividade de *birdwatching* ou observação de aves tem se tornado uma opção para os ecoturistas interessados em conhecer mais sobre a vida silvestre. Como explica Costa (2007), registros históricos apontam que a observação de aves pelo homem teve início na Grécia, entre os séculos IX a.C. e VIII a.C., embora na pré-história, já houvesse interesse em contemplá-las, fato

percebido na presença de aves em muitas pinturas rupestres. Na Inglaterra, no fim do século XVIII, a observação de aves surgiu como uma atividade de lazer da aristocracia e nos Estados Unidos se popularizou somente em 1873, depois da criação da primeira organização para observação e estudo das aves: a *Nuttall Ornithological Club*. Para o autor, o *birdwatching* além de ser uma ferramenta importante para a proteção das aves, promove a educação ambiental e deve ser compreendida como uma atividade sensorial no sentido de serem desenvolvidos aspectos da sensibilidade humana, baseada na experiência-sentido.

No caso do turismo, a observação de aves pode ser desenvolvida em áreas de matas, áreas rurais e unidades de conservação como Reservas Legais (RLs), Áreas de Preservação Permanente (APPs) e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN). No entanto, antes da oferta desse atrativo, é fundamental a realização de um levantamento qualitativo na área de interesse para obtenção de dados sobre a ave, conhecendo seu comportamento e singularidades. Fora isso, pode ser uma boa alternativa para as localidades de interesse turístico porque trata-se de uma atividade de relativo baixo custo, com a necessidade de poucos instrumentos para sua operação, como binóculo, um guia impresso para identificação das aves locais e/ou um condutor ambiental. No entanto, o profissional deve ter qualificação adequada para esse tipo de guiamento, sobretudo, em áreas de grande extensão florestal. Com isso, pode-se também pensar na dinamização da economia local, com a ampliação de oferta de roteiros, sem esquecer da importância da conservação da biodiversidade, como sugere Athié (2007).

Como qualquer atividade turística realizada em ambientes naturais, a observação de aves também pode acarretar impactos negativos na biodiversidade quando feita sem planejamento. Em estudos realizados por Sekercioglu (2002), o pesquisador pontua os prós e contras da atividade. Sobre os impactos positivos, cita a conexão do turista com o meio ambiente; aumento da preocupação com a problemática ambiental; menor dano do que o turismo tradicional, visitação de áreas que fogem do turismo de massa; emprego e educação para a comunidade local; conhecimento ornitológico, entre outros. Já os impactos negativos incluem perturbação das aves com a aproximação dos turistas; abandono das áreas de nidificação; destruição e poluição do habitat; descaracterização da cultura local e exclusão dos autóctones no desenvolvimento do turismo. Como estratégia para minimização dos impactos negativos, o autor indica a adesão de posturas éticas com relação à biodiversidade; evitar aproximação dos turistas em ninhos e filhotes; evitar ser visto pelas aves e sensibilizar a população local sobre a importância de se proteger as aves.

Concorda-se com Athié (2007) que o turismo de observação de aves não deve ser planejado sob bases superficiais, ou seja, sem uma preocupação com a sustentabilidade como preconiza o Ecoturismo. É necessário que haja uma articulação entre diversos atores para que essa atividade possa perpassar a questão econômica e contribuir para a proteção do patrimônio natural. Por isso, o processo de conscientização precisa vir de

todos os lados. De nada adianta ter condutores qualificados se os turistas não assimilarem as informações e reconhecerem a importância da avifauna.

Em meio à sociedade altamente conectada e tecnológica, as pessoas estão cada vez mais imersas em informações efêmeras e curtas. Esse certamente é um dos desafios de se planejar o turismo em áreas naturais, quando se percebe que o público está mais interessado em fotografar paisagens do que realmente aprender mais sobre a região em seus múltiplos aspectos. Tal comportamento resulta em experiências frágeis sobre os lugares e o sentido da conscientização ambiental se esvai. Sobre isso, é preciso repensar se as atividades realizadas em áreas naturais estão refletindo em mudanças da sociedade.

Como enfatiza Zanirato (2011, p. 118), “o princípio da sustentabilidade, defendido nas políticas de conservação, pressupõe tanto a dimensão ecológica quanto a social e política, a fim de que os ideais conservacionistas sejam difundidos e alicerçados em bases sólidas”. Incluem-se aí, estudos que possam indicar se no Brasil o Ecoturismo tem sido executado dentro dos preceitos da sustentabilidade, priorizando a sinergia entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos. Pelo fato do *birdwatching* possibilitar um contato direto com as áreas naturais e com as aves em seu habitat natural, torna-se uma atividade que deve ser desenvolvida com muita restrição.

Mais especificamente no caso dos guarás, como é uma ave que já teve indícios de extinção em vários municípios do país e que vem retornando aos poucos, urge ainda mais a necessidade de se pensar em uma atividade turística que consiga sensibilizar a comunidade e os turistas da importância desses acontecimentos tão cruciais na preservação do patrimônio natural e também realizar passeios que possam ser adequados a cada perfil de turista, pois, nem sempre o turista que busca esse tipo de atividade é um estudioso na área de ornitologia. Com isso, o saber se torna acessível a todos os públicos e pode despertar o interesse de um número maior de pessoas sobre a questão ambiental. Isso se torna relevante quando se pensa na diversidade de roteiros que existem no Brasil e contemplam a observação da avifauna, como aqueles ofertados no Maranhão, Piauí e Paraná.

Delta do Parnaíba: revoada dos guarás

Entre os estados do Piauí, Maranhão e Ceará, localiza-se a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba que foi criada em 1996. Os municípios que fazem parte da APA são: Barroquinha e Chaval no Ceará; Água Doce do Maranhão, Araióses, Paulino Neves e Tutóia no Maranhão e; Cajueiro da Praia, Ilha Grande, Luís Correia e Parnaíba no Piauí. Nessa área ainda se sobrepõe outras Unidades de Conservação (UCs): APA da Foz do Rio Preguiças, conhecida como Pequenos Lençóis; a Reserva Extrativista (RESEX) Marinha Delta do Parnaíba e a RPPN Ilha do Caju. A vegetação predominante é de tabuleiros, restingas, manguezais, mata ciliar de várzeas e vegetação, com presença de dunas, envolvendo duas áreas de

biomas: Cerrado e Caatinga, com influência amazônica no lado maranhense. Soma-se a isso, a presença de uma zona costeira formada por um sistema de mangues, com o aporte de grande volume de água doce, oriundo de extensos rios e igarapés e suscetível às variações de amplitudes de maré (BRASIL, 2020).

No que se refere às atividades econômicas, destaca-se a pesca artesanal e outras atividades tradicionais como a agricultura familiar, a criação de animais e o extrativismo de sementes e frutos. É importante enfatizar também a importância crescente da atividade turística na região, especialmente a partir da criação da Rota das Emoções, uma proposta voltada ao Ecoturismo que engloba além da APA Delta do Parnaíba, o Parque Nacional de Jericoacoara, no Ceará e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, no Maranhão. No caso do Piauí, ainda é forte o segmento de turismo sol e praia e vem se consolidando com um importante destino turístico no país, com a atração de centenas de milhares de turistas para as praias de Luís Correia e Barra Grande, onde acontecem campeonatos de *kite surf*. No entanto, como alerta o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), embora o turismo movimente a economia local, existe um grande impacto ambiental negativo, principalmente a partir do descarte de resíduos sólidos e falta de tratamento dos efluentes domésticos (BRASIL, 2020).

Como se percebe, o patrimônio natural dessa região é extremamente relevante dentro da questão ambiental, pois a criação de UCs busca proteger aspectos singulares do Delta do Parnaíba, como os manguezais, tão importantes para a vivência dos guarás. Dentro do zoneamento da APA, delimita-se a Zona de Uso Moderado (ZUMO) Barra da Melancieira que engloba as ilhas da Melancieira, Ximbica e outras duas sem denominação, no município de Tutóia - MA, com o objetivo de resguardar áreas de presença dos guarás e berçário de peixes, entre eles o cavalo-marinho (*Hyppocampus reidi*). Dentre as normas gerais da APA, encontra-se uma menção especial aos guarás: “Em áreas de dormitórios de Guarás (*Eudocimus ruber*), os horários e distâncias mínimas, para a atividade de observação serão previstas em orientação institucional por instrumento da UC” (BRASIL, 2020, p. 61).

Nesse sentido, destaca-se a existência de um plano de manejo da APA que alerta sobre a importância da presença da avifauna. Por outro lado, mesmo com as orientações do documento, ainda são mencionados o descaso com a biodiversidade a partir da sua utilização para o turismo. Com isso, torna-se imprescindível rever a condução da oferta de *tours* para que não haja impactos negativos que irão incidir sobre a área.

No Delta do Parnaíba, o passeio que permite a visualização da revoada dos guarás é ofertado a partir de duas saídas: a primeira, saindo do Porto dos Tatus em Ilha Grande-PI e outra saindo de Tutóia-MA. Esses passeios são realizados por lanchas e, apesar de comercializarem a observação dos guarás como atrativo principal, durante o *tour* são realizados outros tipos de atividades como caminhada nas dunas e banho nos rios, ou seja, são aproveitados os elementos naturais voltados ao Ecoturismo.

Segundo Gandara (2008), o Rio Parnaíba tem seu curso dividido em três bacias (Figura 3): a) Baixo Parnaíba, que abrange a foz do Poti até a foz do Parnaíba (município Ilha Grande) no Atlântico. Este trecho inicia nas imediações da cidade de Teresina até atingir o Oceano Atlântico. Nesse trecho, além de águas piauienses e maranhenses, recebe também, águas do Ceará; b) Médio Parnaíba, constituída de bacias de pequeno porte que desaguam no Rio Parnaíba de forma distribuída, entendendo-se da confluência da foz do Gurgueia até a foz do Poti (município de Teresina). Essa porção da bacia recebe basicamente águas vindas do Piauí; c) Alto Parnaíba, representada basicamente pelas bacias dos rios Uruçuí Vermelho e Riozinho, recebendo nesse trecho águas tanto do Maranhão como do Piauí até a Foz do Gurgueia (município de Jerumenha).

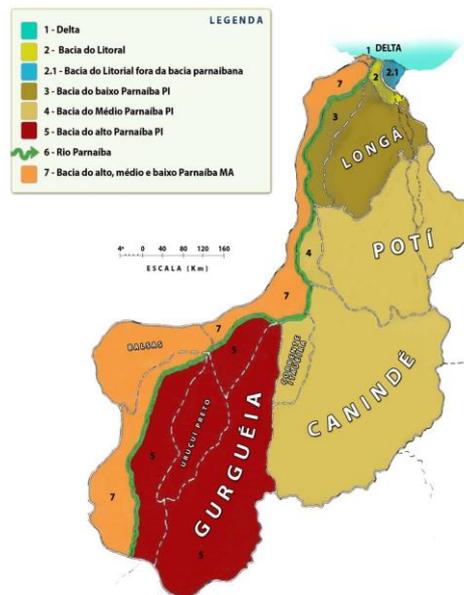


Figura 3: Curso do Rio Parnaíba
Figure 3: Course of the Parnaíba River
Fonte: Gandara (2008)
Source: Gandara (2008)

O rio Parnaíba percorre aproximadamente 1500 quilômetros e tem uma área total de 2700 Km². Esse recorte espacial possui cerca de 80 ilhas com dunas que chegam a atingir 40 metros de altura, além de praias cercadas por igarapés. Antes de desembocar no oceano Atlântico, ao norte do Piauí com o Maranhão, o rio forma um vasto e recortado delta (único das Américas que deságua em mar aberto) que termina por meio de cinco grandes bocas: Tutóia, Carrapato (chamada também de Melancieiras), Caju e Canárias no Maranhão e Igarçu no Piauí. As suas principais saídas para o mar são uma para a Barra do Carrapato e outra para a Baía de Tutóia (GANDARA, 2008).

Com toda essa biodiversidade, não é difícil constatar o imenso potencial ecoturístico do Delta do Parnaíba. O patrimônio ambiental refletido nos recursos hídricos, vegetação, biomas e fauna são divulgados amplamente para a oferta de roteiros turísticos. Segundo Silva et al. (2020),

os passeios mais comercializados são: o passeio em embarcação que comporta até 80 pessoas com destino à Foz do Rio Parnaíba e o passeio de lancha para observação da revoada dos Guarás. Os autores pontuam que mesmo diante da grande potencialidade para o *birdwatching*, essa atividade ainda é pouco explorada e só recentemente começou a se popularizar na região. Atualmente, é possível dizer que a “revoada dos guarás” é um dos atrativos mais procurados da região e comercializado por algumas agências que divulgam o roteiro em seus sites.

As terras de “muitas aves”, “muitos guarás” e “onde os guarás dormem”

No Paraná, a APA de Guaratuba (Figura 4), criada em 1992, encontra-se inserida no bioma “Mata Atlântica” ou “Floresta Atlântica”, com áreas de planície litorânea marcadas pela presença de manguezais e campos sulinos. Possui cerca de 200 mil hectares (ha) e engloba os municípios de Guaratuba, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul, Morretes, Paranaguá e Matinhos. O primeiro é o município que tem a maior porção da APA, com aproximadamente 60% do seu território (PARANÁ, 2006). Em Tupi, Guaratuba significa “muito guará” (*tuba*, do indígena, quer dizer “em quantidade excessiva”). O nome foi escolhido justamente pela presença dessa ave no litoral paranaense onde no século XVII, foi decretada uma lei que proibia a perturbação desses animais e de seus ninhos na região de Guaratuba, pois a espécie começava a dar indícios de desaparecer por ali (MAFRA, 1952).



Figura 4: Localização da Baía de Guaratuba no Paraná

Figura 4: Location of Guaratuba Bay in Paraná

Fonte: Paraná (2006)

Source: Paraná (2006)

O município de Guaratuba possui 6.260 ha de manguezais, ou seja, 3,15% do seu território que é o habitat dos guarás. Vale destacar que a preservação dos mangues é uma questão socioambiental, pois, existem muitas comunidades que dependem da pesca e do turismo na região, além

de contribuir para a manutenção da biodiversidade. Os impactos negativos causados nessa área são gerados principalmente por grandes embarcações de passeio que excedem os limites de velocidade dentro da baía, formando ondas que derrubam árvores que o compõem, comprometendo também a biodiversidade local, como explica Sobanski (2014).

Em suas viagens pelo Brasil, o botânico Auguste de Saint-Hilaire que chegou ao país no início do século XIX, avistou os guarás em Guaratuba. Na época ressaltou que as aves se reuniam em grupo, sobretudo, entre os meses de agosto e novembro, quando nasciam os filhotes e que o número da população só não era maior em virtude dos predadores, entre eles o homem (MAFRA, 1952). Esse fato desponta como uma conscientização ambiental que já associava alguns impactos negativos causados pelo homem no meio ambiente. Com isso, as aves tiveram que migrar para outras áreas a fim de garantir sua reprodução.

No século XXI, o cenário é bem diferente pela preocupação que se tem com os guarás na Baía de Guaratuba. Diversas ações são realizadas em prol da proteção das aves, como a criação do Instituto Guaju (“mutirão”), organização não governamental voltado à questão socioambiental e que atua no litoral paranaense em diversas frentes, como registro e proteção da cultura regional e preservação dos ecossistemas por intermédio de práticas de Educação Ambiental.

Um dos projetos do Instituto é o “Projeto Guará: É preciso conhecê-lo para preservá-lo”, que teve início em 2008 quando dois pesquisadores do Instituto registraram o retorno dos guarás à Baía de Guaratuba após um longo período desaparecidos. O guará é tratado como um símbolo cultural em uma tentativa de sensibilizar a população que a ave faz parte da história de Guaratuba e, com isso, contribuir para que as pessoas passem a proteger a espécie. Do ponto de vista turístico, a observação dos guarás tem se tornado uma atividade de grande potencial socioeconômico para a região.

Outro local de (re) aparecimento dos guarás e que tem sido utilizado para o turismo é a Baía de Guaraqueçaba que fica em uma APA (Figura 5). Historicamente, o município de Guaraqueçaba pertence a uma região colonizada por portugueses no século XVI. O nome é de origem tupi-guarani e significa “lugar do guará”, “onde os guarás dormem” (GUARAQUEÇABA, 2022).

Segundo Stresser (2018), a APA de Guaraqueçaba foi instituída em 1985 e contempla a maior área contínua de remanescentes de Mata Atlântica, englobando a Serra do Mar, a Planície Litorânea, as Ilhas e vastos manguezais, sendo reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como uma das principais áreas mundiais de concentração de biodiversidade. Localiza-se ao norte do litoral do Paraná, divisa com o estado de São Paulo e possui uma superfície de 3.134 km², incorporando os municípios de Campina Grande do Sul, Antonina e Paranaguá.



Figura 5: Localização da Baía de Guaraqueçaba no Paraná
Figure 5: Location of the Guaraqueçaba Bay in Paraná
Fonte: Stresser (2008)
Source: Stresser (2008)

Assim como ocorreu na Baía de Guaratuba, o guará havia desaparecido na região por conta das perturbações antrópicas por volta da década de 1970, como explica Rech (2006). Só em anos recentes a ave passou a repovoar Guaraqueçaba, o que permitiu também o surgimento do turismo de observação de aves.

Metodologia

O percurso metodológico da pesquisa foi elaborado adaptando-se os ciclos propostos por Minayo (1994): a) fase exploratória: procedimentos que envolveram o aprofundamento do tema central, utilizando-se a pesquisa bibliográfica para subsidiar o arcabouço teórico do estudo; b) recorte empírico: para conhecer a forma com que os agentes locais ofertam, comercializam e abordam o turismo de observação de aves (no caso, os guarás), foram realizadas entrevistas semiestruturadas, pois permitem uma flexibilidade maior ao informante, ficando livre para explorar outros assuntos relacionados ao tema; c) tratamento do material: as entrevistas foram transcritas, trazendo as subjetividades na fala dos informantes. A pesquisa priorizou o caráter qualitativo que permite um aprofundamento “*no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas*” (MINAYO, 1994, p. 22).

Para compreender de que forma o turismo de observação de aves tem sido explorado sobre os guarás, optou-se por um estudo de caso no qual foram comparadas três realidades por intermédio de agências de turismo que comercializam os passeios nos litorais sul (Baía de Guaratuba) e norte (Delta do Parnaíba) do país. Trata-se de dois recortes espaciais que

são amplamente divulgados nas mídias digitais e que são importantes *locus* para a observação do comportamento das aves. A partir de pesquisas na internet, em sites de busca quando se procuram passeios que envolvem os guarás no Delta do Parnaíba, foram selecionadas as agências que aparecem em primeiro lugar na busca, ou seja, aquelas que têm mais visibilidade e maior possibilidade de atingir um público maior com as suas ações midiáticas. Com isso, conseguiu-se contactar as empresas em suas redes sociais e estabelecer contato com os seus representantes. No caso do litoral paranaense, foi contactado o Instituto Guaju que indicou duas agências que ofertam o passeio na região. Posteriormente, a partir do contato com seus representantes, prosseguiu-se à entrevista. Em função da pandemia que dificultou o acesso *in loco*, utilizou-se o aplicativo de mensagens *whatsapp* para estabelecer o diálogo entre pesquisadores-entrevistados. A elaboração das perguntas envolveu questões como organização dos passeios, perfil do turista, preocupação com a Educação Ambiental e impactos da atividade sobre a biodiversidade. Por questões éticas, a fim de assegurar o anonimato das agências e seus representantes, os nomes utilizados são fictícios. As respostas foram enviadas de forma escrita e/ou por áudio pelos informantes e, posteriormente, transcritas pelos pesquisadores.

Resultados e Discussão

Quando se analisam as respostas dos entrevistados, é possível identificar semelhanças na condução do passeios mas, ao mesmo tempo, percebe-se que o sentido original do *birdwatching*, mais voltado para os aspectos científicos das aves e que atrai um público formado por especialistas ou grandes conhecedores da avifauna, acaba sendo destituído, ou até mesmo ressignificado, uma vez que o público que procura esse tipo de passeio tem interesses diversos e não necessariamente está interessado em saber detalhes ornitológicos mas sim, em contemplar as paisagens. Com isso, os agentes optam pela oferta do passeio, agregando outras atividades como caminhar pelas dunas e paradas para o banho, fazendo com que a observação dos guarás seja apenas mais um entre as dezenas de atrativos que aparecem durante o *tour*, bem diferente de um público voltado para o interesse científico que passa horas observando o comportamento das aves, utilizando-se de equipamentos específicos como câmera fotográfica profissional, gravadores, microfones, bloco de anotações etc.

Com relação à análise das agências escolhidas do Delta do Parnaíba, a agência A atua na região há cinco anos e oferta passeios pela Rota das Emoções. Possuem lojas em Parnaíba-PI, Jericoacoara-CE e Barra Grande-PI, onde oferecem passeios diversos que privilegiam a geografia regional. Entre os *tours* mais procurados, conforme a própria agência, estão os chamados Combos Rota das Emoções que incluem serviço de *transfer* (transporte privativo) entre Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba e Jericoacoara que inclui também a observação dos guarás e um passeio específico para essa atividade chamado “Passeio Delta do Parnaíba –

Circuito Revoada dos Guarás” que é realizada em lancha rápida pelas ilhas do Delta do Parnaíba rumo a Baía do Caju e a chamada Ilha do Guarás.

A agência A representada pelo Sr. Jorge informou que o passeio por eles ofertado que possibilita a observação dos guarás tem duração de 03 horas a um custo de R\$ 185,00 e é realizado todos os dias da semana com saída do Porto dos Tatus via lancha rumo a Baía do Caju e Ilha dos Guarás. Durante o passeio, há uma parada no Morro do Meio para uma caminhada sobre as dunas da Baía do Caju e um mergulho nas águas do Parnaíba. No final do passeio, avistam os guarás. Para isso, a agência não disponibiliza nenhum equipamento específico, somente os coletes salva vidas. Nesse aspecto, a observação se torna uma atividade superficial, já que não há uma preocupação em propiciar aos visitantes o acompanhamento detalhado dos grupos de guarás mediante a disponibilidade de equipamentos específicos. Além disso, o Sr. Jorge informou que durante o percurso são passadas informações gerais sobre os lugares visitados. Com isso, perde-se a oportunidade de aliar a valorização da biodiversidade em prol da preservação dos guarás.

A respeito dos impactos gerados pela visita no habitat dos guarás, como por exemplo, a mudança de comportamento das aves frente ao barulho de motor de lancha e a presença de turistas, a agência se limitou a pontuar que não havia nenhuma mudança e que a única interferência seria a chuva que atrapalha na observação das aves. Pelo fato de ser um passeio diário, com a presença de no mínimo 14 pessoas na embarcação, torna-se preocupante a postura da agência em ver apenas como impacto uma dinâmica natural (chuva) e que, no caso, atrapalharia a experiência dos visitantes, sem considerar, dessa forma, a interferência na vida silvestre.

O público que busca esse passeio é formado por pessoas que gostam de natureza e que querem conhecer o Delta do Parnaíba, segundo a agência. Dessa forma, verifica-se que a observação das aves se torna secundária até mesmo pelo perfil dos visitantes que não tem como prioridade conhecer os guarás, mas sim ter uma experiência com as paisagens naturais e conhecer o Delta, que tem fama nacional pelas suas especificidades.

A agência B foi inaugurada em 2009 e oferta diversos passeios como o “Circuito Praias”, realizado em veículos pelas dunas da região de Tutóia-MA e paradas estratégicas em comunidades para venda de artesanato local. Outro passeio é o “Circuito Rios” que leva o turista a conhecer rios e cachoeiras e interagir com comunidades ribeirinhas. O Sr. Ricardo, representante da agência informou que o passeio ofertado custa R\$ 150,00 por pessoa. Existem opções de lanchas com capacidade para levar grupos entre 10 e 30 pessoas. O principal passeio que inclui a observação dos guarás passa por várias ilhas com praia deserta, igarapés, cemitério de navios, ilhas com dunas, almoço em restaurante rústico e contemplação do pôr do sol. A respeito da duração do passeio, existem opções para o dia inteiro e meio período. Quem conduz os visitantes é o guia e o piloto habilitado pela Capitania dos Portos. A agência oferece treinamento para

esses profissionais com informações turísticas e de assistência ao turista no percurso.

Sobre os equipamentos utilizados nos passeios, o Sr. Ricardo afirma que a agência não disponibiliza nada específico para observação das aves. Ele diz que são respeitadas as distâncias mínimas entre as embarcações e o habitat das aves, buscando uma atração mais contemplativa. Com relação à mudança do comportamento das aves e da fauna na região em que se oferta o passeio, pontua que “a interferência é quase mínima porque a maioria dos operadores são capacitados e sabem da importância da preservação e cuidado do atrativo natural que se torna o seu principal produto turístico”. O Sr. Ricardo destaca que existem relatos de pescadores e comunidade local de que são feitos passeios particulares na região, mas que mesmo assim não interferem na dinâmica natural, embora saiba que caso não haja organização e profissionalismo, pode haver impactos na biodiversidade pela ação de “forasteiros” ou “piratas” que atuam na região.

A respeito das informações passadas aos turistas, os guias oferecem orientações sobre o uso do colete e são feitas contextualizações sobre a história e curiosidades da fauna e flora local durante as paradas “para não ser aquele passeio monótono e as pessoas tenham entendimento de que ali não é só uma região de guará. Tem uma diversidade muito maior de atrativos”. Nesse sentido, novamente a observação dos guarás se torna um atrativo secundário, o que é preocupante, sobretudo quando se pensa que a ave já esteve próxima da extinção no país. Segundo o Sr. Ricardo, durante o período chuvoso na região, que compreende o primeiro semestre, os guarás não são facilmente observados, pois, se recolhem para a reprodução. Depois desse período, a procura aumenta pelos passeios no Delta principalmente por coincidir com as férias europeias, uma vez que muitos estrangeiros procuram esse passeio.

Sobre o perfil dos turistas que buscam o passeio de observação dos guarás, “antes da pandemia, a procura maior era, principalmente, pelo europeu que buscava literalmente única e exclusivamente a revoada dos guarás. Os outros detalhes ficavam mesmo para agregar valor ao roteiro”, como explica o Sr. Ricardo. Ele destaca ainda que, atualmente, prevalece o perfil do ecoturista, “aquele turista consciente que quer contemplar a natureza, que é um cara que tem um poder aquisitivo de médio para alto, geralmente, viaja com a família”. Porém, na pandemia o Sr. Ricardo observa que houve uma mudança também no perfil dos turistas, agora com a presença de uma “turma meio que, quer se divertir, beber um alcoólico. Então esse aí já não tem tanto perfil dos guarás”, conforme relata.

Embora o país tenha uma grande biodiversidade, destaca-se que o turismo de observação de aves ainda é pouco explorado, como apontado por Santos *et al.* (2020). Nota-se que o pioneirismo desse segmento na Europa contribuiu para que houvesse uma maior consolidação da atividade e surgimento de um turista interessado na prática, fato observado pela presença de estrangeiros no Brasil em busca desse segmento, diferente do brasileiro que ainda tem pouco conhecimento do *birdwatching*. Ainda como apontam Santos *et al.* (2020), são vários problemas que afetam a atividade

no Brasil como: falta de infraestrutura, falta de capacitação da mão-de-obra, falta de sinalização adequada, ausência de medidas de segurança, escassez de investimentos públicos e privados e, principalmente, faltam iniciativas que possam promover esta atividade por intermédio de preceitos da educação ambiental para garantir uma experiência que sensibilize e conscientize o turista. Como verificado na fala dos representantes das agências, a observação de aves no Delta do Parnaíba torna-se secundária e se constitui em um atrativo a mais diante de outros elementos naturais que são ofertados nos passeios.

Por outro lado, a exploração do *birdwatching* no litoral do Paraná por intermédio de uma agência de turismo de base comunitária (agência C), entendido como “[...] *um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos*” (BRASIL, 2018, p. 10), mostra que é possível aliar a conservação do patrimônio natural com o turismo de observação de aves, na medida em que utiliza os recursos naturais para fins educativos. O Sr. Lucas da agência C explica que Guaratuba-PR “é uma cidade com vocação para o turismo de natureza, sustentável e ecologicamente correto devido à grande parte de seu território estar dentro de uma APA”. Por isso, “existe um olhar diferenciado, ainda que em passos lentos para os conteúdos voltados à biodiversidade e sensibilização e turismo de natureza”, relata o informante. Ele explica que o Instituto Guaju vem trabalhando com o turismo sustentável no litoral paranaense e uma das estratégias foi a elaboração de um projeto de criação de uma agência de turismo de base comunitária que envolve agentes locais com seus conhecimentos e saberes aplicados à conservação da fauna e flora e de todo o ecossistema (no caso, o manguezal).

Dentre os passeios oferecidos, destaca-se o roteiro “Avistamento do Guará” que percorre a baía de Guaratuba até os pontos onde os grupos se encontram, com duração de 02 horas e um valor de R\$ 80,00 por pessoa. A respeito do perfil dos turistas que buscam o passeio de observação dos guarás, o Sr. Lucas explica que são grupos interessados em ter um contato com a natureza, tanto brasileiros quanto estrangeiros. O período mais procurado é entre os meses de novembro a fevereiro.

Os condutores de turismo vinculados à agência de turismo de base comunitária possuem cursos de capacitação junto à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e à Marinha do Brasil com o objetivo de atender melhor os turistas. O Sr. Lucas conta que durante o percurso é possível avistar outras aves e sítios arqueológicos e o turista, além da beleza cênica, recebe inúmeras informações sobre a região. A embarcação utilizada no passeio tem capacidade para 12 pessoas e foi desenvolvida para atender as demandas dos projetos do Instituto Guaju, funcionando também como um barco-escola, com sala de aula itinerante utilizada para Educação Ambiental na baía de Guaratuba.

Diferente das agências investigadas do Delta do Parnaíba, a agência do litoral paranaense dispõe de equipamentos específicos que auxiliam na observação dos guarás. Para o passeio, a agência disponibiliza binóculos e um guia especializado em aves para que os turistas possam ter um

conhecimento maior sobre a biodiversidade regional. O Sr. Lucas ainda pontua como diferencial a realização de registros fotográficos da vivência sem custo adicional em diversos percursos para que o turista tenha as memórias eternizadas do passeio. Com relação aos impactos causados pelo turismo de observação de aves na Baía de Guaratuba, ele destaca a preocupação da agência na organização dos passeios: “Quando o assunto é observação de aves e, em especial, o Guará, é respeitado o distanciamento para não interferir na ecologia da localidade. O uso do *playback* (gravação do som emitido pelas aves para atraí-los) não é aconselhado, porém, quando necessário é utilizado com cautela por nosso guia”.

O representante da agência ainda relata que na região existe outra ave ameaçada, o bicudinho-do-brejo (*Formicivora acutirostris*). Assim, há uma preocupação por parte da equipe “nos trabalhos de sensibilização e na popularização das informações sobre os Guarás e de aves de passagem ou residentes e dos ecossistemas ao qual estamos inseridos”, segundo o Sr. Lucas. Inclusive, destaca que o projeto já produziu material pedagógico para trabalhos nas escolas do município e para os visitantes, “contribuindo para evitar como já aconteceu no passado a extinção local de uma espécie”, conclui.

Com relação à Baía de Guaraqueçaba, também foi entrevistada uma representante de uma agência de turismo de base comunitária (agência D), Sra. Gisele. Ela explica que o passeio é ofertado para um grupo seletivo de pessoas, indicados por amigos ou conhecidos. Por isso, não há divulgação sobre o tour, por respeito à biodiversidade. Segundo ela: “Os guarás começaram a aparecer aqui na região em 2017, ficaram quase 50 anos longe daqui. E mesmo eu, sendo caieira, tive o privilégio de avistá-los só em 2017”. Ela ainda complementa: “As pessoas que levo para fazer esse roteiro são muito especiais. Tem que entender e ser natureza”. Com isso, é possível verificar que a preocupação ambiental se sobrepõe à questão mercadológica, diferente do chamado turismo de massa, em que há um excesso de número de turistas em determinada área. No caso da agência D, são levadas no máximo 8 pessoas, conduzidas por um pescador “que entende sobre tudo, como tudo isso deve ser preservado”, segundo a Sra. Gisele. O valor cobrado por pessoa é de R\$ 60,00 e não há um local fixo nem duração exata do tempo do passeio na Baía de Guaraqueçaba, pois, de acordo com a informante os guarás não têm um local exato para permanecerem durante o ano todo.

Sobre os conteúdos trabalhados pelos condutores durante o passeio, a Sra. Gisele explica que para os visitantes são passados conteúdos voltados à biodiversidade da região, abordando questões sobre a singularidade do local e a necessidade de preservação tanto pela comunidade e povos tradicionais de Guaraqueçaba quanto pelos turistas para as futuras gerações, uma vez que: “Sem natureza e respeito não existe vida”, como enfatiza a representante da agência D. Sobre o perfil do turista que procura esse passeio, ela explica: “Não é nossa intenção ter turismo em massa ou fora daquilo que podemos oferecer no Turismo de Base Comunitária, os que nos procuram já tem um envolvimento com a natureza. A maioria vem por indicação”. Assim pode-se inferir que são

peças que já possuem uma conscientização ambiental e que buscam a imersão com a natureza.

Embora tenham uma preocupação ambiental, principalmente, em se tratando de um local em que vivem os guarás, a agência D não oferece nenhum tipo de equipamento específico para o *birdwatching*. Com isso, há uma experiência maior de contemplação da paisagem do que da observação científica dos hábitos e comportamento das aves. No entanto, existe o respeito de manter um distanciamento seguro para não atrapalhar as aves: “Nesse espaço que vivemos [Baía de Guaraqueçaba] dependemos muito do tempo e da maré, então cada passeio é único. E já atendemos alguns [turistas] que nem fotografia tiraram. O registro ficou nos olhos e coração”.

A visão da agência D sobre a relação do turismo com o meio ambiente acaba reverberando nos preceitos da Educação Ambiental, entendida como “[...] *um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida, afirmando valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a proteção ambiental*” (BRASIL, 2010, p. 23). A Sra. Gisele enfatiza ainda, que os turistas que buscam esse tipo de passeio em Guaraqueçaba são mais conscientes com relação à sua responsabilidade social e que o turismo de base comunitária desenvolvido em pequena escala acaba contribuindo para que o turismo não traga impactos negativos na região, a partir da disseminação de valores sobre a simplicidade na condução da vida e respeito à natureza, refletindo em uma apropriação do patrimônio natural enquanto ferramenta educacional, ao disseminar valores mas, ao mesmo tempo, buscando um sentido de coletividade ao trazer o protagonismo da população local como organizadora e gestora da atividade turística.

Considerações Finais

A partir dos resultados obtidos com a pesquisa, verificou-se que o turismo de observação de aves tem um grande potencial de desenvolvimento no Brasil, impulsionado principalmente pela sua biodiversidade. No entanto, a atividade ainda aparece de forma incipiente em algumas regiões do país, o que pode resultar em práticas amadoras e/ou inadequadas com relação a sua conduta, como a falta de abordagem de conteúdos que privilegiam a interpretação ambiental. Isso se torna preocupante quando se pensa que a observação de aves envolve o contato com os elementos naturais e sua dinâmica e a falta de apreensão sobre a importância do patrimônio natural pode tornar a experiência vazia, baseada apenas na contemplação da paisagem. A realização de atividades de Ecoturismo deveria ir além do visual e possibilitar reflexões sobre o ser-estar no mundo, instigando o turista a dialogar com as comunidades locais, utilizando a sustentabilidade em suas ações e refletir sobre as suas ações no meio ambiente.

O caso dos guarás é emblemático para figurar essas considerações pois, trata-se de uma espécie que havia desaparecido de seu habitat em várias regiões do Brasil, principalmente, por conta da poluição e caça

predatória e que em anos recentes começou a retornar para esses ambientes. Esse fato, tão importante para a biodiversidade, deveria ser mais explorado durante os passeios de observação de aves para que os valores ambientais possam ser disseminados para um público maior e, com isso, sensibilizar os turistas sobre o seu papel na sociedade.

Os manguezais, pela sua particularidade, oferecem as condições ideais para abrigo e reprodução dos guarás e o litoral brasileiro por si só é um cenário que fornece esses elementos para as aves. Com isso, tanto o Delta do Parnaíba quanto nas Baías de Guaratuba e Guaraqueçaba tornam-se locais propícios para o *birdwatching*. A partir das entrevistas realizadas com representantes de agências de turismo nessas quatro localidades, foi possível constatar diferenças entre a condução dos passeios que permitem a observação dos guarás. No primeiro caso, tem-se duas áreas distintas onde se localiza o Delta: uma porção do Maranhão e outra que abrange o Piauí. Importante ressaltar que tanto o litoral do Piauí quanto o litoral do Maranhão (excetuando-se a capital São Luís e Barreirinhas, cidade sede do parque Nacional Lençóis Maranhenses) estão ainda descobrindo a atividade turística, com pouca infraestrutura e oferta de roteiros turísticos focados no turismo sol e praia. Com isso, a problemática ambiental em torno dos guarás apareceu como secundária em detrimento da oferta de outras atividades como passeio nas dunas e banhos de rio/mar. Nesse caso, não há menção de projetos na região específicos para a proteção dos guarás e, possivelmente, isso pode contribuir para que a interpretação ambiental passada aos turistas durante os passeios, não tenha o foco na observação de aves de forma científica ou acadêmica.

Já no litoral do Paraná, a questão dos guarás vincula-se também à própria constituição histórica e identitária de municípios no entorno das Baías de Guaratuba e Guaraqueçaba, tornando a ave um importante símbolo de resistência em projetos e ações ambientais na região. Como existe um instituto que coordena estudos e pesquisas sobre os guarás e que possui parceria com a UFPR, o engajamento da comunidade em prol da proteção da avifauna reflete também no desenvolvimento do turismo, principalmente quando se organiza uma agência de turismo de base comunitária para coordenar o passeio para avistamento dos guarás, no caso de Guaratuba. Isso demonstra uma preocupação de integrar sociedade, meio ambiente e economia, ou seja, alicerça-se sob os princípios da sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, em Guaraqueçaba, também por iniciativa do turismo de base comunitária, verifica-se uma preocupação com a relação da comunidade local e a forma de ofertar o turismo, pesando em ações que busquem dialogar com a proteção dos guarás, com a oferta de um passeio que tem como atração principal essas aves, conseguindo direcionar as ações de conservação do patrimônio natural a partir desse processo, uma vez que o turista que busca esse passeio já sabe que as aves terão uma visibilidade maior na abordagem. Isso se reflete também no tipo de abordagem que as agências C e D direcionam aos turistas, oferecendo materiais educativos e específicos para que haja um aprofundamento na *práxis* sobre os guarás.

Por fim, o intuito do estudo não trata de comparar realidades distintas para que haja julgamento sobre o certo e o errado no turismo de observação de aves, mas cabe a reflexão sobre a forma com que o Brasil, a partir de experiências com desaparecimento de e retorno de aves em certos habitats, tem utilizado o *birdwatching* como ferramenta de preservação do patrimônio ambiental. É necessário refletir sobre as práticas do planejamento e gestão do turismo em áreas naturais para que a atividade turística tão importante no Delta do Parnaíba e nas Baías de Guaratuba e Guaraqueçaba possa contribuir para a conscientização dos turistas e dos moradores sobre a importância da permanência dos guarás nessas localidades não somente como fator de contemplação, mas também como elemento importante para a proteção da biodiversidade e, conseqüentemente, para o patrimônio natural.

Referências

ATHIÊ. S. A observação de aves e o turismo ecológico. **Revista Biotemas**, v. 20, n.4, p. 127-129, dez. 2007.

BRASIL. Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade. **Aves**: Amazônia. 2022. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao>>. Acesso em 02 fev. 2022.

BRASIL. Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba**. Brasília: 2020. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/plano_de_manejo_da_apa_delta_do_parnaiba.pdf>. Acesso em 10 fev. 2022.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Turismo de base comunitária em unidades de conservação federais**: princípios e diretrizes. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/turismo_de_base_comunitaria_em_uc_2017.pdf>. Acesso em 10 fev. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. **Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm>. Acesso em 14 fev. 2022.

COSTA, C. Mais de 3 décadas após 'Vale da Morte', Cubatão volta a lutar contra alta na poluição. **BBC News**. 10/03/17. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39204054>>. Acesso em 02 fev. 2022.

COSTA, R. G. C. de A. Observação de aves como ferramenta didática para educação ambiental. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 6, p. 33-44, julho/dezembro de 2007.

DINIZ, T. Cubatão abraça causa pró-fauna e flora. **Folha de São Paulo**. 18/07/2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/negocios/cn1807200401.htm>>. Acesso em 10 fev. 2022.

FUNDAÇÃO MATA ATLANTICA. **Mata Atlântica**. 2022. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/causas/mata-atlantica/>>. Acesso em 05 fev. 2022.

GANDARA, G.S. Rio Parnaíba...Cidades-Beira. **Tese** (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GROSE, A. V. O guará *Eudocimus ruber* (AVES: Threskiornithidae) no estuário da Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina: repovoamento, distribuição e biologia. **Tese** (Doutorado em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

INSTITUTO GUAJU. **Projeto Guará**: É preciso conhecê-lo para preservá-lo. 2022. Disponível em: <<http://www.institutoguaju.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MENEGASSO, J. D.; SUTIL, T.; SILVA, J. G. S. da; LADWIG, N. I. Turismo em áreas protegidas. *In*: SUTIL, T.; LADWIG, N.I.; SILVA, J.G.S. (Orgs.). **Turismo em áreas protegidas e os impactos da Covid-19**. 1 ed.: 2021, v. 1, p. 14-33.

MAFRA, J. da S. **História do Município de Guaratuba**. Guaratuba: Prefeitura Municipal de Guaratuba, 1952

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Editora Vozes: Petrópolis, 1994, p. 9-30.

MOLINA, S. E. **Turismo e ecologia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. ONU. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris, 1972. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2022.

RECH, G. Guarás surpreendem Ibama no litoral. **Tribuna**. 26/08/06. Disponível em: <<https://tribunapr.uol.com.br/noticias/parana/guaras-surpreendem-ibama-no-litoral>>. Acesso em 10 fev. 2022.

GUARAQUEÇABA. Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba. **História de Guaraqueçaba**. 2022. Disponível em: <<https://www.guaraquecaba.com.br/historia/>>. Acesso em 10 fev. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental de Guaratuba**. 2006. Disponível em: <https://rsis.ramsar.org/RISapp/files/23421111/documents/BR2317_lit17090_1.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PASSOLD, A. J.; KINKER, S. M. S. Visitação Sustentável em Unidades de Conservação. In: PHILIPPI JR., A.; RUSCHMANN, D. V. de M. (Orgs.). **Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo**. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 383-415.

PORTO, A. Guará é símbolo de iniciativas de preservação no litoral do Paraná. **G1**. 25/08/20. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2020/08/25/quara-e-simbolo-de-iniciativas-de-preservacao-no-litoral-do-parana.ghtml>>. Acesso em 10 mar. 2022.

RAMPELOTTI, L. A cidades dos guarás: Guaratuba tem longa história com a ave que quase foi extinta. **JB Litoral**. 28/04/20. Disponível em: <<https://jblitoral.com.br/a-cidade-dos-guaras-guaratuba-tem-longa-historia-com-a-ave-que-quase-foi-extinta/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ROCHA, F. Pesquisa aponta caminhos para a preservação de guarás. Meio Ambiente. **Jornal Beira do Rio**. 29/04/19. Disponível em: <<http://www.redemacuco.com.br/2019/04/29/pesquisa-aponta-caminhos-para-a-preservacao-de-guaras/>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

SEKERCIOGLU, Ç. H. Impacts of birdwatching on human and avian communities. **Environmental Conservation**, v. 29, p. 282-289, 2002.

SILVA, M. C. L.; LIMA, S. S.; BRAGA, S. S.; MELO, R. S. Transformações na rota turística do Delta do Parnaíba (PI/MA): percurso histórico. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, p. 689-707, 2020.

SOBANSKI, D. C. De olho nos guarás. **Monografia** (Especialização em Educação Ambiental). Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2014.

STRAUBE, F. C. Guará: origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, Curitiba, v. 50, p. 91-100, 1999.

STRESSER, G. de C. Análise da capacidade resolutiva do Conselho da APA de Guaraqueçaba. **Monografia** (Especialização em Análise Ambiental). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2002.

VIGARIO, D. C. Aspectos da biologia do guará, *Eudocimus ruber* (linnaeus, 1758), relacionados à atividade diária no litoral do estado do Paraná. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia e Conservação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ZANIRATO, S.H. Patrimônio natural e turismo Desafios para a adoção da sustentabilidade em áreas protegidas no Brasil. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.4, p. 105-124, dez.2010 / mar. 2011.

WIKIAVES. **Guará**. Distribuição geográfica. Disponível em: <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/guara>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Tatiana Colasante: Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil.

E-mail: tatiana.colasante@ufma.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2456335844034805>

Carolina Vanessa Santos da Silva: Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil.

E-mail: vanessa.carolina@discente.ufma.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4699236930220812>

Carlos Antonio Lima de Jesus: Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil.

E-mail: carlos.alj@discente.ufma.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9292385404024664>

Alini Nunes de Oliveira: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso, MT, Brasil.

E-mail: alini_nunes@hotmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8875964393708658>

Data de submissão: 19 de março de 2022

Data de recebimento de correções: 02 de maio de 2022

Data do aceite: 02 de maio de 2022

Avaliado anonimamente